

Jornalismo independente latino-americano: a configuração de uma forma cultural

Latin american independent journalism: the configuration of a cultural form

Periodismo independiente latinoamericano: la configuración de una forma cultural

—

Vanessa COSTA DE OLIVEIRA

Brasil

Universidade de Santa Cruz do Sul

nessa.costa.oliveira@gmail.com

Ângela Cristina TREVISAN FELIPPI

Brasil

Universidade de Santa Cruz do Sul

angelafe@unisc.br

Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación

N.º 154, diciembre 2023 - marzo 2024 (Sección Monográfico, pp. 119-138)

ISSN 1390-1079 / e-ISSN 1390-924X

Ecuador: CIESPAL

Recibido: 11-10-2023 / Aprobado: 21-12-2023

Resumo

O artigo expõe resultados de investigação sobre oito experiências digitais latino-americanas, compreendidas como integrantes do jornalismo independente. O objetivo foi compreender a emergência de uma nova forma cultural, decorrente de processos territoriais da região. A pesquisa se filia aos Estudos Culturais e tem como central o conceito de forma cultural, de Raymond Williams (1979). Faz um recorrido do processo produtivo dos oito sites por meio de protocolo metodológico do circuito da cultura, de Richard Johnson (2010). Os resultados apontam para a emergência de uma forma cultural, cujas matrizes estão no jornalismo alternativo e no jornalismo tradicional, resultado de processos históricos que geram uma prática e um produto com características particulares.

Palavras-chave: estudos culturais; jornalismo; território; nativos digitais; América Latina

Abstract

The article presents research results on eight latin-american digital experiences, understood as belonging to independent journalism. The objective was to understand the emergence of a new cultural form, resulting from the region's territorial processes. The research bases itself on the Culture Studies and considers central the concept of cultural form, from Raymond Williams (1979). It goes through the productive process of the eight sites through the methodological protocol of the culture circuit, from Richard Johnson (2010). The results point towards the emergence of a cultural form, whose matrices are in both alternative and traditional journalism, a result of historical processes that generate a practice and product with particular characteristics.

Key-words: cultural studies; journalism; territory; digital natives; Latin America.

Resumen

El artículo presenta el resultado de una investigación sobre ocho experiencias digitales latinoamericanas, entendidas como parte del periodismo independiente. El objetivo fue comprender el surgimiento de una nueva forma cultural, resultante de procesos territoriales en la región. La investigación está afiliada a los Estudios Culturales y tiene como enfoque central el concepto de forma cultural, de Raymond Williams (1979). Abarca el proceso de producción de los ocho sitios a través del protocolo metodológico del circuito de la cultura, de Richard Johnson (2010). Los resultados apuntan al surgimiento de una forma cultural, cuyas raíces están en el periodismo alternativo y el periodismo tradicional, resultado de procesos históricos que generan una práctica y un producto con características particulares.

Palabras-clave: estudios culturales; periodismo; territorio; nativos digitales; América Latina.

1. introdução

Ancoradas teórica e metodologicamente nas matrizes britânica e latino-americana dos Estudos Culturais, de onde, entre outros, trabalhou-se com o conceito de forma cultural (Williams, 1979), investigou-se o processo produtivo de oito organizações de jornalismo independente digital distribuídas pelos territórios latino-americanos. O objetivo foi compreender como esse jornalismo vem se configurando enquanto uma nova forma cultural na região, reconhecendo-o como um fenômeno cultural resultado de processos históricos de natureza territorial.

A emergência e a expansão no subcontinente nas últimas duas décadas de um jornalismo nativo digital que se autodenominou independente e que vagarosamente tem sido reconhecido academicamente como um tipo particular de jornalismo compôs a motivação desta investigação (Figaro, 2017). As inquietações decorrentes de um acompanhamento assistemático preliminar de experiências de jornalismo independente, motivaram a investigação, entre as quais a pouca sistematização acadêmica sobre esse jornalismo. Observava-se a ausência de consenso sobre uma definição conceitual sobre jornalismo independente. Em contradição, no campo empírico, o constante surgimento de novos projetos, e também o fim de alguns deles, apontando para a existência de uma certa dinâmica, que manifesta, inclusive, uma fragilidade das experiências.

Na mesma direção, características comuns entre o jornalismo independente e o jornalismo alternativo provocaram a atenção para a possibilidade de renovação do jornalismo de matriz crítica e popular, agora potencializado com as tecnologias digitais. A possibilidade de um *novo alternativo* acontecer, capaz de fazer frente a uma crise editorial, ética e financeira presente no jornalismo contemporâneo.

O que vem se convencendo chamar de jornalismo independente é constituído por experiências digitais, apresentadas à sociedade como práticas e produtos diferenciados do jornalismo tradicional tanto no modelo de negócio - projetos coletivos não baseados no financiamento publicitário -, como no aspecto editorial - voltado ao privilégio de pautas relacionadas aos direitos humanos e ao meio ambiente. Ainda, não se caracteriza como partidário ou corporativo, segundo critérios das organizações *Sembramedia* e *Agência Pública*. Embora não se tenha um mapeamento periódico, levantamentos das organizações citadas indicavam a existência de 800 sites independentes nos países da América hispânica (Sembramedia, 2017) e 86 no Brasil (Agência Pública, 2016).

Esta pesquisa partiu da suposição que, enquanto lócus do desenvolvimento dessa prática cultural, a dinâmica dos territórios latino-americanos, por suas particularidades, está relacionada à configuração do jornalismo independente nesta região.

Com vistas a identificar a existência de uma forma cultural do jornalismo independente faz-se uso do protocolo metodológico *circuito da cultura* (Johnson, 2010). O protocolo permite que a análise percorra o processo produtivo, explorando, descrevendo e analisando cinco momentos do processo: as culturas vividas, as condições de produção, a produção, o produto e o consumo, tendo em vista o objetivo de compreender o que se supôs ser uma nova forma cultural. Os sites *Agência Pública* (Brasil), *Chequeado* (Argentina), *Sudestada* (Uruguai), *GK.city* (Equador), *La Silla Vacía* (Colômbia), *Animal Politico* (México), *ContraCorriente* (Honduras) e *Nómada* (Guatemala) foram examinados entre suas publicações de 2019 e de 2020, por meio de um conjunto de metodologias que articulou pesquisa bibliográfica e documental, observação, entrevistas à análise de conteúdo.

Destarte, o artigo sumariza a pesquisa de tese de doutorado¹ que se filia a um conjunto de investigações de abordagem cultural e territorial, no âmbito da Comunicação e Desenvolvimento, realizadas no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, na Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil.

2. Marco teórico

Territórios são o espaço-tempo-vivido de construção material e simbólica, que condicionam e são condicionados pelas atividades de produção que nele se estabelecem, mediadas por relações de poder (Haesbaert, 2004). Os territórios são delimitados pelo seu uso, apropriação e dominação. Se o território não é apenas uma base física (Etges, 2005), tampouco o espaço, que o constitui, o é. O espaço, dimensão mais ampla, é o conjunto de formas localizadas entre os humanos e a natureza, mais a vida que o anima, sendo, pois, resultado da ação dos sujeitos sobre o próprio espaço (Santos, 2014). Ainda em Santos, o espaço se encontra em articulação com o tempo, este outro elemento que constitui o sistema tridimensional dos territórios, que corresponde ao processo histórico.

Enquanto fenômeno humano, o jornalismo emerge nesse espaço-tempo do território, enquanto uma de suas atividades de produção cultural-simbólica, política e de mercadoria. Na perspectiva dos Estudos Culturais, assim como para a geografia cultural, o jornalismo pode ser considerado produção e prática social, “sendo essas expressas por meio de representações simbólicas que impregnam o espaço geográfico” (Felippi; Brandt, 2020, p. 356).

Na obra de Raymond Williams encontramos um conceito chave para compreender como o território molda o jornalismo, o de forma cultural. O entendimento de forma tem relação com a evolução do termo em latim e sua repetição em inglês, tendo, de acordo com o autor, dois sentidos principais: “uma forma visível ou externa e um impulso modelador inerente [...], compreende

1 A configuração da forma cultural do jornalismo independente nos territórios latino-americanos, de XXXXXX [autora deste artigo] (2021), defendida no PPGR- UNISC, Brasil, sob orientação de XXXXX [co-autora deste artigo].

assim toda uma gama que vai do externo e superficial, até o essencial e determinante” (Williams, 1979, p. 185). Estudar a forma cultural do jornalismo independente implica em identificar o superficial e o essencial. Williams se refere a determinadas características que permitem reconhecer os diferentes produtos culturais, nas palavras do próprio autor “elementos básicos de ativação do reconhecimento” (Williams, 1979, p. 188), que dão uma forma cultural a esses produtos.

A noção de forma cultural se aplica ao jornalismo latino-americano tradicional, produto de um sistema midiático de natureza comercial, que se constituiu historicamente no subcontinente e que no presente apresenta características editoriais semelhantes de produção, gêneros e conteúdos. O fruto deste sistema é um jornalismo *mainstream*, que mantém articulações com os sistemas político e econômico e oferece aos seus consumidores o que Becerra (2014, p. 64) denomina de “unificação da linha editorial e redução da diversidade”.

Na contramão desse modelo, historicamente têm sido geradas experiências jornalísticas alternativas, resultados de movimentos sociais, de crises econômicas e de inovações tecnológicas. Essas experiências podem ser compreendidas como compondo uma outra forma cultural no campo do jornalismo, com características comuns. Na América Latina, cuja presença do jornalismo é tardia - especialmente no caso brasileiro, que soma dois séculos - observa-se períodos de emergência de práticas alternativas, no início do século XX, relacionado a movimentos sindicais e partidários, e durante o período das ditaduras militares no subcontinente. O jornalismo alternativo, assim como o tradicional, é fruto dos territórios e suas emergências.

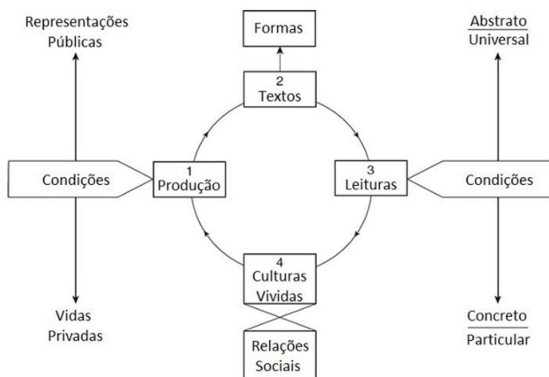
Embora com contornos distintos, a seu tempo, o jornalismo independente tem sido academicamente classificado por alguns estudiosos como parte do jornalismo alternativo (Carvalho & Bronosky, 2017; Schwaab et al., 2013; Fernandes, 2018; Bragança, 2016) tanto por seus aspectos editoriais, como financeiros. Embora a classificação não encontre consenso, é possível identificar elementos no independente oriundos do alternativo, como se verá na análise das oito experiências estudadas, assim como aspectos que remetem a forma cultural tradicional.

O desenvolvimento histórico da prática jornalística oferece elementos que constituem a forma do jornalismo, criando a ilusão de que essa forma se reproduz de maneira homogênea nos territórios. Contudo, a *forma jornalismo* carrega elementos arcaicos, residuais e emergentes (Williams, 1979) que se, de um lado, cristalizam determinados valores e aspectos, de outro carregam o germe da mudança e expõem a diferença, dividindo-se em formas culturais distintas, porém de origem e características semelhantes. Tem-se, assim, a forma cultural do jornalismo, como mostra Williams (1990), que se conforma na relação com o território.

3. Metodologia

O circuito da Cultura (Johnson, 2010) consiste num diagrama que representa a produção cultural, procurando abarcar sua integralidade e conceber o processo como a interconexão de suas partes, de modo que uma depende e interfere na outra (Figura 1).

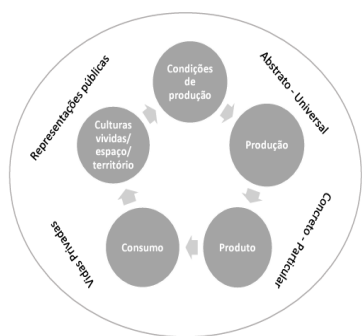
Figura 1 - Circuito da Cultura, de Richard Johnson



Fonte: Johnson (2010, p. 35).

A aplicação deste diagrama em pesquisa anterior a esta (Oliveira, 2017), identificou que o reconhecimento da existência de um eixo para “condições de produção” era fundamental para a compreensão do fenômeno do jornalismo independente. Pensando nas particularidades que consideram a dimensão espacial se propôs o seguinte diagrama:

Figura 2. Proposta de diagrama metodológico para pesquisas em Comunicação e Desenvolvimento Regional²

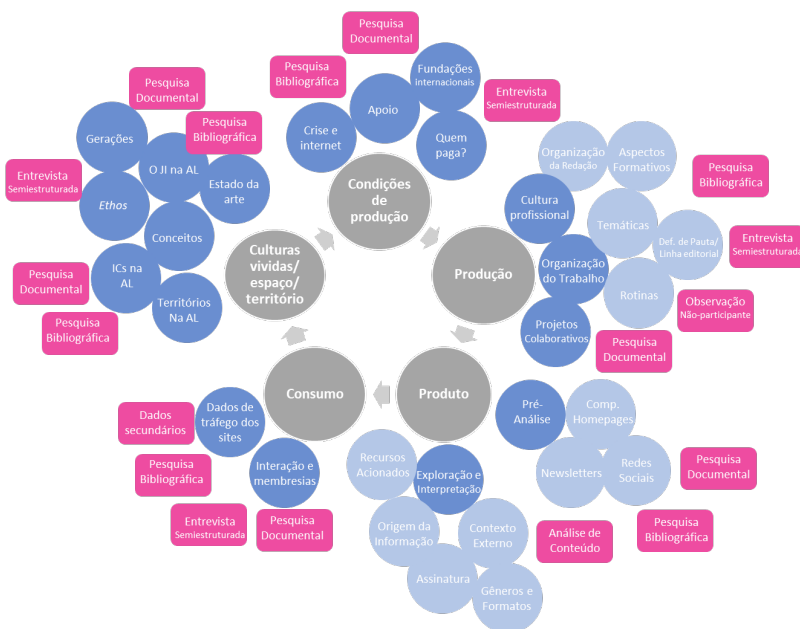


Fonte: Oliveira (2021, p. 46).

2 Desenvolvimento Regional é a área de concentração do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, onde foi realizada a pesquisa. Nela, em intersecção com a área de Comunicação, realizam-se estudos em Comunicação e Desenvolvimento.

Os chamados momentos do circuito constituem as categorias analíticas da pesquisa. A análise iniciou por Culturas Vividas/espaço/território, e seguiu por condições de produção, produção, produto e consumo. Para tanto, fez-se uso de um conjunto de técnicas de pesquisa, sendo elas a observação em *La Silla Vacía* (Colômbia), entrevistas semi-estruturadas presenciais e remotas com treze sujeitos dirigentes ou co-fundadores das oito experiências estudadas, representantes, ou ex-representantes da *Fundación Gabo*, da *SembraMedia* e da *Open Society*.

Figura 3 - Percurso metodológico da pesquisa



Fonte: Oliveira (2021, p. 51)

A coleta de dados observou os cinco momentos do circuito proposto, que constituíram as categorias analíticas da pesquisa e deu conta de um *status* das organizações nos anos de 2019 e 2020. A problemática foi investigada a partir de um estudo do processo produtivo integral das organizações estudadas.

4. Discussão e resultados

Diversos estudos oferecem características para o jornalismo independente. Em comum, as pesquisas delimitam que esse jornalismo é feito por organizações de pequeno ou médio porte, em uma diversidade de arranjos que vão de coletivos de trabalho a organizações cooperativas ou organizações não-governamentais.

Tratam-se de experiências nativas digitais, inovadoras em termos de linguagens, formatos e, principalmente, pautas. Predominam abordagens da realidade que exploram aspectos, atores e grupos sociais negligenciados pela mídia tradicional, dedicando-se a temáticas relacionadas especialmente aos direitos humanos e à questão ambiental.

Data de 1998 o primeiro jornal digital latino-americano, e também o projeto considerado pioneiro no jornalismo independente da região. Trata-se de *El Faro*, de El Salvador (Barragán, 2018), que aposta no jornalismo que investiga temáticas como a pobreza, a violência, a corrupção e direitos humanos, temáticas relacionadas às fragilidades da América Latina. Desde então, centenas de iniciativas independentes foram criadas. *SembraMedia* faz um mapeamento constante dos chamados nativos digitais na América Latina, com exceção dos sites brasileiros. Em 2022, esse diretório soma 1117 meios (Sembramedia, 2022). No caso brasileiro, temos o levantamento da *Agência Pública*, com 169 sites independentes³. A Figura 4 aponta para a distribuição das experiências pelo subcontinente.

Figura 4 - Mapa do Jornalismo Independente na América Latina



Fonte: Elaborado por Oliveira (2023) a partir de *mapchart.net*, com dados de SembraMedia e Agência Pública.

³ Em 2016 a Agência Pública realizou um mapeamento de 82 sites de jornalismo independente. Desde então, o levantamento conta com a colaboração dos leitores, que até o início de 2023, havia indicado outros 87 sites.

A análise das oito experiências de jornalismo independente é apresentada de forma sumarizada em relação à pesquisa original e, portanto, opta-se por organizar por momentos do processo produtivo, acionando os aspectos das distintas experiências que vão compondo características comuns à categoria independente.

4.1 Culturas Vidas/espço/territórios

Toma-se o momento das culturas vividas como o primeiro para análise, observando que o circuito não implica na existência de ponto inicial e nem em hierarquia entre os momentos. Desde uma abordagem cultural e territorial do jornalismo, considera-se as culturas vividas como o momento em que as matrizes culturais incidem na produção jornalística, em que sociedade e cultura se fazem sentir na prática jornalística, marcadas pelo espaço-tempo-vivido, carregando memória e história, expondo disputas entre formas culturais arcaicas, residuais e emergentes.

A análise deste momento identificou históricos que impulsionam o jornalismo independente na região. Esses elementos dizem respeito aos processos de desenvolvimento marcados por subordinação da região aos países centrais, desigualdade socioeconômica, fragilidade das democracias e presença da multiculturalidade (Canclini, 2002), que consistem nos desafios para o desenvolvimento da região (Cepal, 2020).

Nessa esteira, tem-se as características de formação das indústrias culturais na América Latina, marcadas por favorecimentos à determinadas classes e setores (Maringoni, 2010), o que interferiu na forma do jornalismo tradicional na América Latina: um modelo de negócios que tem a informação jornalística como uma mercadoria, e nos grandes agentes políticos e do mercado sua principal fonte, o que configura seu conteúdo, em um consenso editorial de redução de diversidade (Becerra, 2014).

A busca por produzir um jornalismo que rompa esse consenso editorial imposto pelas indústrias culturais foi evidenciado nos sites das organizações estudadas bem como em suas entrevistas. A jornalista de *La Silla Vacía* (Entrevista pessoal, outubro de 2019), por exemplo, define o jornalismo independente como aquele crítico aos poderes e vai ao encontro do Subeditor editorial de *Nómada* (Entrevista pessoal, janeiro de 2019) para quem só é possível investigar os poderosos e aqueles que se beneficiam deles quando há independência financeira, econômica e editorial. Essa inexistência de vínculo com os grupos de poder, sejam eles políticos ou econômicos, foi apontado como o aspecto chave para o jornalismo independente pelos entrevistados dos diferentes países, reforçando que há um consenso na região sobre este tema.

Esse conjunto de características dos territórios latino-americanos dá o suporte para o desenvolvimento das experiências de jornalismo independente, que em suas intenções, resgatam os princípios e valores da matriz racional-

iluminista do jornalismo. Essas motivações tem relação com como está configurada a indústria midiática na América Latina e as lacunas que a conformação provoca nos conteúdos, seguida de uma crise do modelo de negócio e da relação com a audiência; também guarda relação com um sistema de produção pós-fordista (Harvey, 2001), que altera as relações de trabalho nas redações do jornalismo tradicional (Fonseca, 2005) e reduz postos de trabalho.

4.2 Condições de Produção

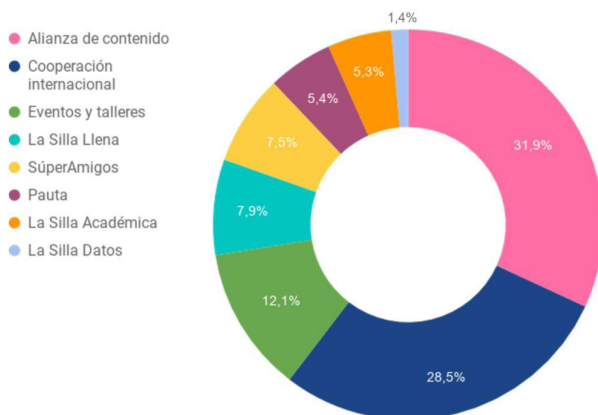
É nesse espaço-tempo-vivido dos territórios, de crise do jornalismo tradicional (Christofolleti, 2011; Ramonet, 2013) e de precarização e redução dos postos de trabalho na área (Figaro, 2018) que jornalistas empreendem projetos de jornalismo que já nascem na internet e que se valem das possibilidades e redução de custos possibilitada pelo advento da internet.

As experiências analisadas encontram dois principais desafios nas condições de produção: a falta de conhecimento de gestão dos profissionais envolvidos e o financiamento. Ambos relacionados ao desenvolvimento de um modelo de negócios que garanta condições estruturais de produção e de autonomia financeira, sem perda da autonomia editorial. Para o primeiro aspecto, identificou-se que os profissionais têm encontrado apoio em organizações internacionais que dão suporte técnico, formativo e financeiro para o desenvolvimento dos independentes, tais como *Fundación Gabo*, *SembraMedia* e outras. A *Fundación Gabo*, por exemplo, atua como um facilitador dos processos do JI, proporcionando espaços de trocas de experiências (Diretor Geral e Cofundador da *Fundación Gabo*, Entrevista pessoal, março de 2020).

Uma das estratégias fomentada pelas organizações é o trabalho em rede, em ações horizontais, característica de projetos organizados com apoio à produção noticiosa ou à formação de profissionais, em programas como, por exemplo o *Metis*, organizado por *SembraMedia*, em que mentores apoiam projetos mais incipientes.

Já no desafio do financiamento, identificou-se que já há um consenso entre os profissionais dos independentes sobre o modelo de negócio ideal, que deve estar organizado a partir de múltiplas fontes de ingresso financeiro, bem como no equilíbrio entre essas fontes, de maneira que todas aportem mais ou menos a mesma porcentagem. Entre os estudado, pode-se mencionar neste grupo a *Agência Pública*, *La Silla Vacía* e *Chequeado*. Essas organizações não compartilham na íntegra das mesmas fontes de recursos e tampouco já alcançaram o equilíbrio desejado, mas são as mais próximas de alcançá-lo. A experiência colombiana, por exemplo, em 2019, teve seus recursos vindos de oito fontes diferentes, conforme expresso na Figura 5.

Figura 5 - Fontes de financiamento de La Silla Vacía em 2019



Fonte: La Silla Vacía. Disponível em: <<https://lasillavacia.com/content/financiacion-63024>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

O caso de *La Silla Vacía* ilustra que, embora não seja a realidade da maioria dos independentes, há um grupo que tem conseguido garantir, com seus ingressos, uma estabilidade trabalhista e condições de produção do ponto de vista da estrutura. Em 2019, período em que se realizou a observação na redação colombiana, havia um endereço próprio para a organização, com estrutura e equipamentos adequados. Além disso, havia segurança trabalhista, com os direitos assegurados.

Contudo, esse modelo diversificado e equilibrado demora para ser alcançado e nem todos conseguem sobreviver para atingir o equilíbrio financeiro, caso de *Nómada* que em 2020 encerrou suas atividades justificando questões orçamentárias. Sudestada é outro caso entre os estudados que expõe as condições precárias de produção. A organização uruguaia, em 2020, quando foi entrevistada, contava com a cooperação internacional, editais e recursos vindos de cursos, mas não nenhum deles ativos naquele momento. A redação tinha deixado de ter seu endereço próprio e a equipe, composta por quatro jornalistas que não recebiam pelo trabalho desenvolvido, tendo que manter um outro trabalho como atividade principal.

Diante das dificuldades, o recurso mais utilizado tem sido o financiamento por fundações internacionais, tais como *Ford Foundation* e *Open Society*. Todos os estudados em algum momento receberam financiamento de alguma ou de ambas fundações. A *Agência Pública*, por exemplo, teve início com um aporte da *Ford Foundation*, enquanto *La Silla Vacía*, a partir de recursos da *Open Society*.

A *Open Society*, especificamente, seguia dois critérios para definir em quais sites depositar recursos: a independência do projeto e se o mesmo preenchia alguma carência informacional na região em que estava inserido (Ex-diretora do Programa de Jornalismo Independente da *Open Society*, Entrevista pessoal, dezembro de 2019).

O financiamento por parte destas fundações recebe críticas e questionamentos sobre a real independência dos que o recebem, já que são organizações ou pertencem a corporações cuja atuação histórica vai de encontro a questões caras a boa parte dos independentes, como a autonomia econômica e política da América Latina e os direitos humanos. Contudo, elas não vieram de nenhum dos entrevistados, pelo contrário, eles garantem que não há nenhum tipo de interferência editorial por parte destas, ou de outras organizações financiadoras internacionais.

4.3 Produção

É preciso reconhecer que são as horizontalidades das redes de apoio e as verticalidades do financiamento proporcionados por essas fundações internacionais que tem possibilitado uma determinada produção do jornalismo independente, seja ela bem estruturada ou não, já que a força das organizações está diretamente relacionada às suas formas de sustentação. Identificou-se que, de maneira geral, ainda que não exclusivamente, a produção do jornalismo independente latino-americano está concentrada nos grandes centros urbanos, assim como os principais veículos do jornalismo tradicional, e que está organizada em equipes pequenas, que variam de tamanho e de condições trabalhistas de acordo, uma vez mais, com as condições de produção a partir do modelo de negócio. Enquanto as equipes de *La Silla Vacía* e *Agência Pública* eram compostas por mais de 30 profissionais cada, *ContraCorriente* contava com 10 jornalistas na equipe e *Sudestada* 4.

Essas equipes, por sua vez, tal como no jornalismo tradicional, estão configuradas a partir de um modelo de funções hierárquicas e verticalizado, ainda que seu processo produtivo seja horizontal. Esse processo produtivo também é flexível, muitas vezes, nos moldes do sistema capitalista do pós-fordismo (Fonseca, 2005), onde há também acúmulo de funções, trabalho terceirizado e não remunerado.

Gk.city ilustra essa organização funcional nos moldes hierárquicos, com diretores, editores e repórteres em seu quadro funcional, além de fotógrafos, ilustradores e designer gráfico. Além disso, a equipe que, em 2020, contava com 20 colaboradores, se distribuía não apenas na área jornalística, mas também administrativa, comercial e de audiência. De outro lado, em redações menores como *Sudestada* e *ContraCorriente*, se identificou o acúmulo de funções e até mesmo o trabalho não remunerado.

O alinhamento editorial dessas equipes se dá, muitas vezes, dentro e fora das redações, a partir de estratégias formativas, que consistem, na prática, em dispositivos de disciplinamento, tanto para os membros da equipe, quanto para outras equipes de jornalismo independente. É o caso de *Chequeado*, primeira organização a praticar *fact-checking* na AL, que compartilha seu know-how com mais de 20 organizações, em 14 países da região.

Ainda que as organizações possuam modelos diferentes de negócio, tamanhos e enfoques distintos, identifica-se uma linha editorial, e uma agenda de princípios e valores que os une, regida por uma matriz racional-iluminista. Destacam-se temáticas em torno dos direitos humanos e ambiental e a pluralidade de pautas relacionadas como desigualdade social, populações vulneráveis, violência de gênero, política, corrupção, transparência, segurança pública, entre outros. Os temas vinculam-se às territorialidades latinoamericanas, no que diz respeito às suas demandas e fragilidades – lacunas deixadas pela mídia tradicional, dado sua interrelação com os poderes.

Assim como o modelo de negócio dessas organizações é plural, sua produção jornalística também é. Enquanto na *Agência Pública* as reportagens levam cerca de quatro meses para serem produzidas, *La Silla Vacía*, já responde à conjuntura política e não tem esse tempo, e Sudestada não tem periodicidade em suas publicações. Em comum, elas compartilham uma produção horizontal, compartilhada e coletiva. No site colombiano, onde se acompanhou uma reunião de pauta semanal, foi possível confirmar o caráter colaborativo da produção, em que a equipe não apenas planeja coletivamente, mas também avalia o trabalho dos colegas.

É no espaço-tempo-vivido territorial latino-americano, com as características apontadas, bem como condições de produção regidas pela proposta de um jornalismo independente, a partir de determinados valores e princípios, que tem como desafio a gestão do negócio e seu financiamento, e uma produção que se configura em equipes múltiplas e diferentes organizações de trabalho, mas que converge para uma mesma agenda de princípios, onde impera a defesa da democracia e dos direitos humanos, especialmente, constatadas como fragilidades nesses territórios, resulta em um determinado produto.

4.4 Produto

Nesse momento do produto, identificou-se marcas dos momentos anteriores. Identificou-se conteúdos noticiosos, nos quais os temas reportados são apresentados em texto, fotografia, vídeo, áudio, podcast, mapa, gráfico, tabela e outros, valendo-se de recursos característicos do jornalismo digital, como a interatividade, a hipertextualidade e a multimídia. Predominam as reportagens, mas há notícias, artigos, editoriais, comentários, entrevistas e notas curtas. Os sites independentes se desdobram na presença de conteúdo em páginas em redes sociais, e outros recursos para distribuição da informação são utilizados, como *newsletters* enviadas por e-mail ou *Whatsapp/Telegram*.

A presença dos projetos colaborativos, por exemplo, retroalimenta o produto, na medida em que amplia o número de publicações. Na *Agência Pública*, essa parceria representou 22% das publicações. Outro elemento a se destacar é o percentual, em alguns sites, de textos opinativos produzidos por sujeitos externos às equipes e, com isso, também, um aumento das publicações

e atualizações sem necessariamente direcionar um profissional da equipe, sendo mais um aspecto relacionado à flexibilidade pós-fordista (Harvey, 2001). Em *La Silla Vacía*, 45% das publicações estavam na seção de opinião *La Silla Llena*. Também se identificou o reflexo dos momentos anteriores na constância, ou não, de atualização dos sites: organizações com condições de produção mais precárias, tem poucos conteúdos publicados por mês, na comparação com os melhor estruturados. Enquanto em *Animal Politico* houveram 756 publicações, em *Sudestada* foram 5.

Em relação especificamente aos conteúdos, seus temas, abordagens, fontes, gêneros e formatos, constatou-se a frequência com que os grandes temas que também ocupam o jornalismo tradicional aparecem, como política, economia e segurança pública. Contudo, a partir de uma aproximação com uma matriz popular, esses temas são tratados a partir das vítimas, das testemunhas, das experiências e relatos, e o que é secundário, ou até marginalizado no jornalismo tradicional, ganha destaque desde uma outra perspectiva: a imigração, a violência urbana, as desigualdades, as violações de direitos humanos e ambientais.

4.5 Consumo

Examinar o momento do consumo é estar constantemente vigilante às relações sociais, à cultura vivida, ou, ao espaço-tempo-vivido dos territórios latino-americanos, pois como alerta Johnson (2010), todo produto fruto de uma produção cultural está sujeita a retornar ao emissor de maneira irreconhecível, ou pelo menos transformada. Para os Estudos Culturais, é na recepção que se dá, de fato, a produção de sentidos, pois envolve condições específicas de consumo, como os elementos culturais ativos no interior dos processos sociais, sendo o resultado do processo de leitura, seus significados e discursos, material bruto para a continuação da produção cultural (Johnson, 2010).

Os dados obtidos a partir da ferramenta *SimilarWeb* indicaram que o conteúdo destes independentes é consumido por um público segmentado e fiel e que a audiência chega aos sites sem o intermédio das redes sociais digitais ou do e-mail. Entre os oito independentes, *Animal Politico* e *Chequeado* chegaram a 2,84 milhões e 1,28 milhões de visitas no mês de outubro de 2020, respectivamente.

Inferiu-se ainda que parte da audiência inicia e termina sua experiência de consumo nas redes sociais digitais, sem ir até o site para a leitura do conteúdo na íntegra, o que indica a necessidade de uma produção que resulte em um produto com um formato específico para essas plataformas – estratégia que já tem sido adotada por algumas organizações. *La Silla Vacía*, por exemplo, quando iniciou em 2010 tinha 1,64% de seu tráfego por dispositivos móveis e, em 2019, esse número chegou a 75,59%⁴.

4 Informações relatadas pela fundadora de *La Silla Vacía* em encontro com Superamigos em 2020. Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=g8cclXd4CE&feature=emb_logo

Identificou-se também um perfil de consumidor mais intelectualizado e interessado por conteúdo jornalístico, sem que esse interesse seja direcionado apenas para veículos independentes e alternativos. E é a partir desse processo de consumo e esse perfil de consumidor, em que vai se dá a produção de sentido das mensagens, em um processo complexo, em que o receptor não só dá sentido, mas também ressignifica e, muitas vezes, dá continuidade ao processo de circulação dessas mensagens.

5. Conclusões

O processo produtivo do jornalismo independente na América Latina é resultado de uma matriz territorial condicionada por condições materiais próprias do capitalismo, em um contexto de formação periférica e dependente em relação às formações sociais que tem coordenado e comandado a economia em um mundo globalizado, e por um acúmulo de projetos de desenvolvimento que reforçam essa matriz, por seu caráter exógeno e verticalizado. O jornalismo emerge desses territórios não apenas como uma prática social, do fazer e do negócio, mas também como uma prática de apropriação e significação, que pelo discurso, constitui o território simbolicamente. Nesse sentido, quando se tem um discurso midiático construído a partir da perspectiva enunciativa das elites, exclusivamente, o resultado é a apropriação e significação dos territórios a partir de uma dinâmica verticalizada.

Se observa a partir do fenômeno do jornalismo independente na América Latina que o espaço dos territórios latino-americanos vai formatando esse jornalismo, sendo o JI resultado, também, de muitos tempos de jornalismo em um espaço latino-americano. Ao buscar se desvencilhar dos poderes econômicos e políticos hegemônicos, atrelados ao capital, o jornalismo independente vai se configurando enquanto uma forma que não é completamente importada, tampouco desconectada da realidade dos territórios dos quais faz parte.

Constatou-se que, apesar das críticas e discurso da necessidade de renovação de um jornalismo tradicional, o jornalismo independente preserva estruturas-chave desse modelo hegemônico, como a composição hierárquica de suas equipes, a distribuição dos conteúdos em seus sites, as técnicas de produção e, principalmente, valores. O jornalismo independente se apropria dos mesmos valores do jornalismo tradicional para justificar sua importância, legitimação e credibilidade. São valores como a verdade, o interesse público, a democracia, o pluralismo e até mesmo a independência, que tem origem em uma matriz cultural racional-iluminista, de base liberal, e que, como indica a literatura da área, formata a prática jornalística desde seu início.

Essas aproximações podem parecer contraditórias e até indicar uma equivalência entre os modelos. Contudo, é preciso compreender que mesmo que o jornalismo tradicional ainda acione discursivamente esses valores de uma matriz racional-iluminista na contemporaneidade, ao longo dos tempos, com o

advento da técnica e da tecnologia, com a necessidade de garantir a lucratividade, com o advento da globalização e do neoliberalismo e com o vínculo cada vez mais próximo dos poderes econômicos e políticos hegemônicos, esse jornalismo vai relegando esses valores em detrimento da manutenção da sua hegemonia.

Acredita-se que uma não ruptura radical com um modelo de jornalismo tradicional ocorra pelo risco de que a nova forma não seja reconhecida e legitimada como jornalismo. E, se de um lado, o jornalismo independente aciona parte dos valores de uma matriz racional-iluminista, de outro, ativa aspectos de uma matriz popular, no que diz respeito a uma preocupação social, a uma agenda de princípios e valores que visa a responsabilidade social e a defesa de territórios socialmente mais justos, tendo um compromisso com a vida dos sujeitos. É um jornalismo que se presta a isso, assentado na cultura vivida dos territórios, reconhece e valoriza as especificidades desse espaço, assim como também identifica e denuncia suas mazelas, dando, de alguma maneira, sustentação às dinâmicas de desenvolvimento regional.

Assim, nos territórios latino-americanos, o jornalismo independente se configura como uma forma cultural híbrida entre o jornalismo alternativo e o tradicional. Isso não significa que essa forma esteja no centro, exatamente no meio do caminho entre as outras duas formas, como sugere Bennet (2015), e sim que se vale tanto de elementos arcaicos, quanto de elementos residuais, nos termos de Williams (1979), para configurar uma forma cultural jornalística emergente, de maneira que velhos valores e práticas são ressignificados em novas relações e processos produtivos. Em outras palavras, essa forma cultural híbrida não implica uma harmonização de dois modelos, pelo contrário, traz tensionamentos.

O jornalismo independente nasce de algumas interseções de duas matrizes, principalmente, já em um contexto de capitalismo neoliberal, com uma flexibilização de parte de seus processos produtivos, tendo aspectos próprios do pós-fordismo. Essa flexibilização está conectada com um tempo histórico dos territórios latinoamericanos de maneira a ter seus contornos definidos por esse entorno, sendo a resposta desse jornalismo atuar para responder a certas demandas que são próprias desses territórios.

Propõe-se que essa forma cultural de jornalismo seja reconhecida pelo termo já autoproclamado pelas próprias organizações de jornalismo independente. De fato, essas organizações perseguem uma autonomia editorial a ser garantida por seus modelos de negócios e expressas em suas decisões editoriais de temáticas, pautas, fontes e angulações. A adoção do termo jornalismo independente, infere-se, difere-se da adoção do discurso da independência jornalística, que acaba sendo parcial, por meio do qual os atores da mídia hegemônica buscam reforçar sua legitimidade com o público. Neste caso, autonomear-se de jornalismo independente tem relação com ser independente de uma indústria midiática tradicional, o que implica em novos arranjos institucionais.

O jornalismo independente, que tem sua forma configurada a partir do espaço-tempo-vivido dos territórios latino-americanos, tem características que ultrapassam àquelas estabelecidas pelos mapeamentos. Trata-se, evidentemente, de um jornalismo nativo digital, não corporativo e não partidário, que busca garantir uma independência financeira a partir de um modelo de negócios com fontes de recursos financeiros plurais e equilibradas. Este último aspecto, contudo, consiste em um dos maiores desafios do jornalismo independente e conquistá-lo exige tempo e maturidade organizacional. Em razão disto, o jornalismo independente inicia sendo dependente, muitas vezes, de fundações internacionais filantrópicas que investem nesses projetos e acabam por incidir nas experiências, mesmo que não em seus conteúdos e decisões editoriais, o que implica que, em alguma medida, esses projetos não sejam completamente endógenos nos territórios.

O jornalismo independente é politizado, e não radicalmente político, critica as consequências do capitalismo, mas não está livre das agruras desse sistema. O que faz é buscar alternativas e não substituições, resultando em novos arranjos organizacionais. Configura-se em modelos plurais e diversificados, no que diz respeito aos modelos de negócios, à organização do trabalho, e também aos gêneros e formatos jornalísticos que publica. Os une a busca pela autonomia, os valores e princípios que regem uma agenda de notícias própria, preocupada em dar visibilidade às relações desiguais de poder, com o aprofundamento da democracia, da defesa dos direitos humanos e da justiça social, demandas inerentes aos territórios latino-americanos. Produz e faz circular um conteúdo segmentado, de nicho, que é igualmente consumido por um público específico.

Se, de um lado, há a incidência de uma força externa, verticalizada, sobre os projetos de jornalismo independente, por meio do financiamento das fundações, de outro, há força solidária e horizontal, que são as redes de apoio. Entende-se que essas redes, principalmente de organizações latino-americanas, são fundamentais para o desenvolvimento e manutenção desse jornalismo. Elas auxiliam na manutenção dos projetos, dão base de capacitação, apoio para gestão, para a produção de conteúdo (por meio dos projetos colaborativos), sendo, ao fim, redes de formação informal.

Delimitar essa pesquisa em oito experiências de jornalismo independente na América Latina, junto a coleta de dados sobre outras organizações, possibilitou que se afirme que há uma unidade em relação a forma desse jornalismo na região. Porém se reconhece as limitações que isso traz consigo, já que cada um dos oito países em que está situada cada uma das organizações pesquisadas também possui suas especificidades, desconsideradas, na maioria das vezes, ao longo deste trabalho. Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, e com um recorte largo, também não foi possível aprofundar cada um dos momentos do circuito em cada uma das experiências, tanto por limitação de tempo de pesquisa, como de acesso a essas organizações e as características próprias de seus países. Contudo, acredita-se que a pesquisa ganha justamente nessa

abordagem alargada, que permite identificar e reconhecer uma forma cultural jornalística, condicionada por um espaço-tempo-vivido latino-americano, que se fortalece em uma dinâmica de rede nesses territórios.

Referências bibliográficas

- Agência Pública. (2016). *Mapa do Jornalismo Independente*. Recuperado de <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>.
- Barragán, C. (2018). Geografía digital de emprendimientos en América Latina. Em G. P. Morelo. *La babel digital: pistas para un periodismo emprendedor*. Bogotá: Consejo de Redacción.
- Becerra, M. (2014). Medios de comunicación: América Latina a contramano. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, 249, 61-74. Recuperado de <https://nuso.org/articulo/medios-de-comunicacion-america-latina-a-contramano/>.
- Bragança, P. H. P. L. (2016). *Vozes da resistência: narrativas da pública sobre os agentes e os conflitos nos projetos hidrelétricos do Tapajós*. (Dissertação de Mestrado). Recuperado de <https://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/7832>.
- Canclini, N. G. (2002). *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*. Buenos Aires: Paidós.
- Carvalho, G. & Bronosky, M. (2017). Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. *Pauta Geral, Estudos em Jornalismo*, 4, 21-39. Recuperado de <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/10007>.
- Cepal. (2020) Panorama Social da América Latina 2019. Resumo Executivo, Santiago (Chile), 2020. Recuperado de <<https://www.cepal.org/pt-br/publicaciones/ps>>.
- Christofoletti, R. (2011). Valores, ordenamentos de conduta e subsistência do jornalismo. In: 20ª Reunião da Compós, Porto Alegre - RS. *Anais do Encontro Anual da Compós*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1, 1-16. Recuperado de <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1680.pdf>.
- Etges, V. E. (2005). Desenvolvimento Regional sustentável: o território como paradigma. *REDES*, Santa Cruz do Sul, 10(3), 47-55.
- Felippi, Â. C. T. & Brandt, G. B. (2020). Aproximações entre estudos culturais e desenvolvimento regional: uma proposta teórico metodológica para estudar a comunicação na interdisciplinaridade. In: SOUSA, C. M. de; THEIS, I.M.; BARBOSA, J. L. A. (Org.). Celso Furtado: a esperança militante, vol 3. 1ed.Campina Grande: EDUEPB, v. 3, p. 329-348.
- Fernandes, K. B. (2018). Contrastes da cobertura jornalística audiovisual da greve geral de 28 de abril no Brasil pelos media tradicional e alternativo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 15, 72-83. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2018v15n2p72/38321>.
- Figaro, R., Nonato, C., & Kinoshita, J. (2017). Jornalistas em arranjos econômicos independentes de corporações de mídia: métodos e análises iniciais. Em *Anais*. São Paulo: Intercom. Recuperado de <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002855533.pdf>.
- Fonseca, V. P. S. (2005). *O jornalismo no conglomerado de mídia: reestruturação produtiva sob o capitalismo global*. (Tese de Doutorado).
- Haesbaert, R. (2004) *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Recuperado de <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>> em 20 maio 2018.
- Harvey, D. (2001). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 10. ed. São Paulo: Loyola.

- Johnson, R. (2010). O que é, afinal, os Estudos Culturais?. Em R. Johnson; A. C. Escosteguy; N. Schulman. *O que é, afinal, Estudos Culturais?*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Maríngoni, G. (2010) Comunicações na América Latina: progresso tecnológico, difusão e concentração de capital (1870-2008). Em D. Castro; J. M. de Melo; C. Castro (Orgs). *Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil*. Brasília: IPEA, Volume 3.
- Oliveira, V. C. (2017). *Desenvolvimento e jornalismo: a estratégia produtiva da agência pública na perspectiva da informação como fator de expansão das liberdades. (Dissertação de Mestrado)*. Recuperado de <<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/1510/1/Vanessa%20Costa%20de%20Oliveira.pdf>> em 20 mar 2023.
- Ramonet, I. (2013). A explosão do jornalismo na era digital. Em: D. Moraes; I. Ramonet; P. Serrano. *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. São Paulo: Boitempo.
- Santos, M. (2014). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Schwaab, R., Barretos, D., Diab, C. R. & Lago, F. M. C. (2013). Agência Pública e Repórter Brasil: narrativas não hegemônicas sobre o contemporâneo. *Encontro Nacional de História da Mídia*. Recuperado de <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/90-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-alternativa/agencia-publica-e-reporterbrasil-narrativas-nao-hegemonicas-sobre-o-contemporaneo>.
- Sembramedia. (2017). *Punto de inflexión: impactos, amenazas y sustentabilidad*. Un estudio de los emprendedores digitales latinoamericanos. Recuperado de <https://data.sembramedia.org/descarga-este-estudio/?lang=es>.
- Williams, R. (1979). *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Williams, R. (1990). *Television: technology and cultural form*. London: Routledge.

